



Machadão em chamas e pintura de guerra: notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja.

Murilo Moraes Gaulês
Victor Siqueira Serra
Magô Tonhon

Para citar este artigo:

GAULÊS, Murilo Moraes; SERRA, Victor Siqueira; TONHON, Magô. Machadão em chamas e pintura de guerra: notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.5, n.9, jun. 2025.

 DOI: <http://dx.doi.org/105965/27644669050920250202>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Machadão em chamas e pintura de guerra: notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja¹.

Murilo Moraes Gaulês²

Victor Siqueira Serra³

Magô Tonhon⁴

Resumo

O artigo aborda a relação entre estética, política e identidade no espetáculo Anjos de Cara Suja, criado pela CiA dXs TeRrOrIsTaS em parceria com mulheres trans e travestis sobreviventes do sistema prisional. A narrativa se estrutura a partir das histórias de duas mulheres trans que enfrentaram a violência social e institucional. O texto explora a maquiagem e o figurino como elementos de resistência e reconstrução identitária, destacando o conceito de “estética da precariedade” e práticas como a transmutação têxtil. A pesquisa revela como a caracterização no teatro e seus processos criativos podem atuar como ferramentas de empoderamento e transformação social para comunidades marginalizadas.

Palavras-chave: Maquiagem, estética da precariedade, abolicionismo penal, teatro político, transmutação têxtil.

¹ Este artigo integra a pesquisa de pós-doutorado "POR UM TEATRO ABOLICIONISTA: Reflexões e práticas nas intersecções entre artes cênicas e abolicionismo prisional", realizado no Laboratório de Dramaturgias do Corpo (LADCOR) do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) sob supervisão da Livre Docente Maria Helena Franco de Araújo Bastos."

² Pós doutorando em Artes pela ECA/USP. Doutor em Corporeidades, Memórias e Representações Cênicas Contemporânea e Mestre em Teoria e Prática do Teatro pela ECA/USP. É fundador da CiA dXs TeRrOrIsTaS e coordenador do curso de extensão "Teatro, Prisão e a busca por novos imaginários possíveis" vinculado ao LADCOR/USP.

✉ cenicas.murilogaulés@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/9758887085428577>  <https://orcid.org/0000-0002-7704-5229>

³ Doutorando, Mestre e Graduado em Direito pela UNESP. Especialista em Políticas Públicas e Socioeducação. Pesquisador do NEPAL (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Aprisionamentos e Liberdades) e do GEVAC (Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos).

✉ victorsserra@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/0483269706305669>  <https://orcid.org/0000-0002-7973-8547>

⁴ Magô Tonhon é maquiadora y educadora de beleza. Pensadora, é mestra em Filosofia pela USP. Atua como consultora em diversidade desde 2016 treinando equipes em diversas empresas. Co-fundadora da #LGBeauTé iniciativa de Beleza Cidadã contra a feiúra produzida pela normatividade.

✉ arquitetandopalavras@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/5058618801523264>



Flaming razor and war paint: notes on violence, aesthetics and politics in the characterization of the show Anjos de Cara Suja

Abstract

The article explores the relationship between aesthetics, politics, and identity in the play Anjos de Cara Suja, created by CiA dXs TeRrOrIsTaS in collaboration with trans women and travestis who survived the prison system. The narrative follows the stories of two trans women who faced social and institutional violence. The text examines makeup and costume design as tools of resistance and identity reconstruction, highlighting the concept of “aesthetics of precariousness” and practices such as textile transmutation. The research reveals how theatrical characterization and its creative processes can act as tools for empowerment and social transformation for marginalized communities.

Keywords: Makeup, aesthetics of precariousness, penal abolitionism, political theater, textile transmutation

Navaja ardiente y pintura de guerra: apuntes sobre violencia, estética y política en la caracterización del espectáculo Anjos de Cara Suja

Resumen

El artículo explora la relación entre estética, política e identidad en la obra Anjos de Cara Suja, creada por la CiA dXs TeRrOrIsTaS en colaboración con mujeres trans y travestis sobrevivientes del sistema penitenciario. La narrativa se centra en las historias de dos mujeres trans que enfrentaron la violencia social e institucional. El texto examina el maquillaje y el vestuario como herramientas de resistencia y reconstrucción identitaria, destacando el concepto de “estética de la precariedad” y prácticas como la transmutación textil. La investigación muestra cómo la caracterización teatral y sus procesos creativos pueden servir como medios de empoderamiento y transformación social para comunidades marginalizadas.

Palabras clave: Maquillaje, estética de la precariedad, abolicionismo penal, teatro político, transmutación textil.



Um pouco sobre C.

C. chegou no final do ensaio. Carregando um aparelho celular na mão, se aproximou e se apresentou pelo nome. Ela havia sido encaminhada para a Casa Florescer 2, centro de acolhida especializado no atendimento a mulheres trans e travestis localizado na zona norte do município de São Paulo, em caráter de urgência. Estava em situação de rua havia alguns meses e foi vítima de tentativa de homicídio enquanto dormia na calçada.

Enquanto contava sua história, ela ligou o aparelho celular e mostrou um vídeo. Nele era possível ver um homem com seus trinta e poucos anos de idade, branco, vestindo calça jeans e camiseta polo descendo de seu carro e se aproximando de C. Ela disse que era por volta das 10 horas da manhã e que esse horário era mais seguro para dormir porque há mais gente na rua. Daquela vez não adiantou. O rapaz que se aproximou trazia em sua mão um vidro de querosene que despeja sobre C. e acende um isqueiro. Era muito difícil manter os olhos na imagem, mas ela insistiu que eu visse o vídeo até o fim. Era possível vê-la se debater na calçada tentando apagar as chamas que se alastravam pelas roupas enquanto o rapaz se afastava rindo, fazendo gestos e entrando em seu carro. Ninguém fez nada...

Junto com o vídeo, C. levantou a camiseta e mostrou as queimaduras de segundo e terceiro grau que cobriram 60% do seu corpo. Ela ficou em coma por quase um mês, lutando entre a vida e a morte. Disse que foi para as ruas assim que saiu da prisão. Cumpriu pena por roubo. “Roubei e não me arrependo, eu tentei ganhar a vida de forma honesta e ninguém me deu oportunidade. Morrer de fome que eu não ia, né?”, disse com os olhos cheios de lágrimas.

Em liberdade, sem família ou amigos para acolhê-la, foi trabalhar nas pistas de prostituição. “Tá com fome? Raspa a perna e vai à luta, meu amor”, dizia em um tom de piada sempre que alguém lhe relatava uma dificuldade financeira.

Ela tinha um dom inigualável de fazer as pessoas à sua volta rirem. Logo ela, de quem a vida insistiu em tirar tanto, que lhe deu tantos desgostos. Mas ela era o próprio Sol de tão brilhante que se fazia na presença. E o Sol não se apequena diante da tempestade. Ele se esconde temporariamente para nos lembrar que, mesmo depois da tormenta, sua luz sempre prevalecerá e anunciará que o amanhã ainda pode ser melhor do que o hoje.

Quando ia para a nossa casa nos visitar, C. corria direto para a cozinha para passar um



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja
Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

café e estourar pipoca. Dizia que, depois do atentado, tinha medo de cozinhar no fogo, mas que a cozinha de casa era tão segura que ela sentia que ali as chamas não a atingiriam. E que, se a atingissem, ela não estaria sozinha.

Esse também era um princípio importante para todos nós e que nos manteve vivos apesar de todas as revelias: comunidade.

Conhecemos poucos espíritos tão livres quanto o de C. Tinha uma personalidade forte e também não levava desaforo para casa. Já que a vida estava sempre lhe afrontando, ela havia se determinado a dar o troco e depois tirar sarro. Outra estratégia para sobreviver.

Naquele dia em que terminou seu relato, C. ficou sabendo que estávamos realizando uma oficina de maquiagem junto à poderosa filósofa e arquiteta da beleza Magô Tonhon. A ação integrava o projeto “TRANSgressoras ou Como Recuperar o Fôlego Gritando”, realizado pela CiA dXs TeRrOrIsTaS, que tinha por objetivo realizar ações de diversas formações em cultura e direitos humanos para um grupo de onze mulheres trans e travestis sobreviventes do sistema prisional.

A CiA dXs TeRrOrIsTaS, coletivo artístico com forte atuação na cidade de São Paulo, possui um vasto histórico de ações interlinguagem que buscam construir comunidades com pessoas sobreviventes da prisão para promover o que intitulam como “atentados poéticos abolicionistas”. Segundo o coletivo, esses atentados são modos de organização de repertórios estéticos e políticos que buscam reagir a problemas estruturais em comunidades subalternizadas.

No projeto TRANSgressoras, a proposta era produzir espaços de convivência e intercâmbio de saberes com esse grupo de mulheres, todas conviventes da Casa Florescer 2, a fim de organizar um espetáculo teatral que debatesse as complexidades, obstáculos e estratégias de sobrevivência após o cárcere.

Para além do trabalho potente e necessário de ensino das técnicas com pincéis, produtos e cuidados com a pele, a oficina “Arquiteturas da Beleza”, realizada por Magô Tonhon, trazia à tona subjetividades veladas pelo transódio e pela violência do cárcere.

Falar em transódio, e não em transfobia, implica uma politização da palavra fobia (patologia, transtornos fóbico-ansiosos, caracterizada a por medo ou aversão persistente a um objeto ou uma situação, a classificada pelo Código Internacional de



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Doenças (CID): CID 10 F40.), que invisibiliza a violência de um cis-tema que opera, racionalmente, criando esse tipo de ódio, de base social e cultural (preconceito), dirigido às pessoas trans e, travestis. Quando falamos em transfobia convertermos o transfóbico em vítima de sua própria condição patológica, o que carece de responsabilidade por suas ações, pois violentar alguém por sua identidade de gênero não é uma enfermidade, portanto não é uma fobia. O que explica, em partes, uma leitura social e midiática de que somos violentas, porém nunca violentadas, é dizer, a responsabilidade dos atos transodiantes recaem sobre as pessoas trans e travestis, culpabilizando as vítimas de violência transodiante, exclusivamente por serem quem são. (Sorrequia, 2021)

O ato de olhar-se no espelho com generosidade pode ser muito doloroso e uma tarefa árdua para pessoas que foram sistematicamente ensinadas a odiar aquilo que são e o que suas imagens representam. E a maquiagem, nesse sentido, ocupa um lugar de pertencimento e cura de grande profundidade.

Os pesquisadores Sérgio Antônio Saldanha Rodrigues Tamborini e André Luiz Machado das Neves (2023) realizaram um estudo com o objetivo de entender como práticas de transformação estética contribuem para a afirmação de identidades de gênero de pessoas trans e travestis na região do estado de Manaus. Os resultados do estudo indicam que as transformações estéticas vivenciadas por essas pessoas não se limitam a um processo individual, mas também refletem valores simbólicos coletivos. Ou seja, essas práticas são fundamentais para a construção da identidade de gênero das pessoas trans, sendo produtos de um conjunto de normas e valores que são apropriados pela comunidade trans em Manaus. A estética, nesse contexto, não é apenas uma escolha pessoal, mas uma forma de se conectar com um repertório simbólico compartilhado, que vai além da mera aparência, funcionando como um meio de afirmar e comunicar a identidade de gênero.

Os autores concluem que é fundamental compreender esses circuitos estéticos como parte integral do processo de afirmação identitária das pessoas trans. A pesquisa destaca a importância de valorizar essas práticas como uma forma legítima de expressão, e como isso contribui para a promoção da inclusão e do respeito à diversidade de gênero na sociedade. Embora o foco seja na região de Manaus, as conclusões da pesquisa podem ser aplicadas a contextos mais amplos, ressaltando a relevância da estética e do visagismo na construção da identidade trans.

Durante as práticas com as conviventes da Casa Florescer 2, Magô se referenciava à



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja
Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

maquiagem como uma “pintura de guerra”, uma armadura de proteção para pessoas trans e travestis, tendo em vista que a maquiagem permite que se destaquem ou se camuflem traços e marcas corporais, o que, muitas vezes, pode fazer a diferença entre ser ou não alvo de violência. Ou seja, ser ou não identificada, em certos contextos, também pode ser uma garantia de manutenção da vida dessas pessoas.

A reflexão acerca do ato de caracterizar para desaparecer conflui com algumas das provocações da pesquisadora e performer Jota Mombaça. Segundo a autora:

A gente tá falando de processos históricos de silenciamento e apagamento, faz completo sentido. Mas ao mesmo tempo a gente tá em face de um momento que exige que a gente reveja a densidade e a importância dessas ferramentas. Inclusive pra perceber que a visibilidade não nos protege. Então como é que a gente pode não ser apagada e ainda assim não se tornar transparente? Não ser silenciada e ainda assim não ser completamente traduzida? [...] E é aí que eu chamo a língua bifurcada, e é com esse trabalho e com essa inteligência que a gente tem que entrar na arena do mundo, [ou seja,] a arena feita de cabo a rabo contra a nossa experiência. [...] É nesse ponto que a gente toca, com uma perspectiva contemporânea mesmo de incorporar uma forma de resistência que ela tá nessa ambiguidade, que ela tá nessa opacidade. [...] Já passou da hora de reivindicar também junto com o direito à visibilidade, com direito à representabilidade, o direito à opacidade, [...] o direito a se esvanecer nas sombras. (Mombaça, 2018, s.n)

Sérgio Carrara e Adriana Vianna (2006) indicam que, especialmente em contextos urbanos, quanto mais uma pessoa se distancia da estética normativa, ou seja, quanto mais um corpo se aproximar do que é considerado apropriado para um suposto “sexo oposto”, maior a probabilidade de sofrer diferentes modalidades de violência e discriminação. Segundo o relatório mais recente da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Benevides, 2025), o Brasil é, pelo 16º ano consecutivo, o país que mais mata a população transvestigênera no mundo. Foram 122 pessoas trans e travestis assassinadas nesse país simplesmente por serem quem são. Esse ódio instaurado no imaginário da população brasileira, que leva a legitimar o extermínio de uma determinada população com requintes de crueldade, é fundamentado por um pensamento estético de morte.

Segundo Eugenio Raul Zafaroni, esse estigma social que coloca alvos em corpos lidos como matáveis tem origem nas artes visuais e nas formas de representação que foram dadas por artistas a determinados grupos étnicos e sociais:



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Os artistas europeus pintaram o colonizado como “feio” (especialmente no século XIX, quando deixaram de idealizá-lo). Não precisavam fazê-lo expressamente, até porque isso surgia de forma espontânea, como contraponto às suas definições de “bello”. Com estes valores estéticos negativos, “construíram” os rostos dos “maus” e a polícia, com tais estereótipos, saiu buscando seus suspeitos (Zaffaroni, 2023, p. 9)

Figura 1: Oficina de Arquitetura da Beleza com Magô Tonhon – Casa Florescer 2 (2020)



Fonte: Registro de Diego Nascimento

Enquanto isso, C. se admirava com as possibilidades de se reinventar diante do espelho. Ela chorava comovida de que era a primeira vez, depois do ataque, em que conseguia mirar a si mesma refletida, sem ter que sofrer com a angústia que suas cicatrizes lhe causavam. Nesse processo, ela percebeu que cada uma de suas marcas carregava poderosas e dolorosas lembranças, mas que ela também poderia escrever e sobrepor sobre elas novas narrativas. Reinventar sua história e seu corpo para além do transóidio e tantas outras violências que a sociedade lhe impôs.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Embora a maquiagem tenha sido historicamente associada à vaidade, seu papel na sociedade vai muito além disso. Ela pode ser uma ferramenta de ressignificação, permitindo que indivíduos moldem sua identidade, fortaleçam sua autoestima e se posicionem no mundo. Para muitas mulheres e pessoas LGBTQIAP+, a maquiagem é um símbolo de resistência e pertencimento. Construção individual e comunitária.

Por um lado, a maquiagem ajuda pessoas a expressarem sua personalidade e a se sentirem mais confiantes. Embora os padrões de beleza impostos pela sociedade possam criar pressões, muitas pessoas ressignificam o uso da maquiagem, tornando-a um ato de autonomia e não apenas de conformidade com expectativas externas. O domínio das técnicas de maquiagem permite que decidam como desejam ser vistas, reforçando sua individualidade (Rangel; Randazzo; Freitas, 2023).

Para pessoas trans e travestis, a maquiagem é ainda mais essencial, pois pode ser um elemento fundamental na afirmação de gênero. Muitas vezes, ela auxilia na construção de uma imagem que está mais alinhada com a identidade de gênero dessas pessoas, reduzindo a disforia e permitindo maior segurança no convívio social. A depender da situação, conseguir esconder certos pelos corporais, por exemplo, pode facilitar o acesso a um atendimento ou evitar um ato de violência. Trata-se, portanto, de uma estratégia de sobrevivência. O visagismo, nesse contexto, torna-se uma ferramenta que vai além da estética, promovendo bem-estar e integridade emocional.

Um pouco sobre M.

Embora o projeto TRANSgressoras da CiA dXs TeRrOrIsTaS tenha sido realizado completamente, o espetáculo teatral previsto acabou não estreando. Isso porque o projeto teve o início de suas atividades em março de 2020, durante o período de isolamento social em resposta à crise sanitária global de COVID-19. Entretanto, isso não foi um impedimento para as TeRrOrIsTaS, que vieram a concluir a montagem da peça “Anjos de Cara Suja: o Sol é, ou deveria ser, para todas” em 2023, três anos depois do projeto TRANSgressoras. Dessa vez, o coletivo contou com o apoio financeiro da 38ª edição da Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, com o qual puderam viabilizar a locação de uma sede para realização das



atividades formativas: a Casa da F.U.R.I.A.

E foi nessa mesma sede que M. passou a integrar o processo criativo da CiA. Ela, uma travesti negra nascida na Bahia, deixou o Brasil com seus vinte e poucos anos para tentar a vida com seu ex-marido em Roma, na Itália.

Seu italiano era impecável. Diferente de C., ela não havia sido presa no sistema penitenciário brasileiro. As promessas de ganhar muito dinheiro na Europa vislumbram boa parte das travestis e mulheres trans que trabalham nas pistas de prostituição. E M., que nunca foi uma mulher de perder oportunidades, partiu em um voo rumo ao seu futuro.

Apesar do aparente *glamour*, a imigração de mulheres trans e travestis para a Itália, em particular de regiões como América Latina e África, também reflete um contexto de marginalização e exclusão social onde o mercado sexual continua como única alternativa viável de sobrevivência. Esse fenômeno ocorre especialmente em áreas urbanas e regiões de alto custo de vida, como o Tirol do Sul, onde o aluguel elevado e a ausência de oportunidades de trabalho formal criam condições de extrema vulnerabilidade. A falta de documentos regulares para algumas imigrantes agrava essa situação, limitando o acesso a direitos trabalhistas básicos e ao mercado formal de trabalho, o que frequentemente as expõe ao tráfico humano e à exploração sexual (Tomaselli, 2023).

Essas mulheres enfrentam barreiras de diversas naturezas no processo de integração laboral, incluindo a discriminação racial, linguística e de gênero. Na Itália, o mercado de trabalho formal não só é limitado para mulheres imigrantes, mas também está permeado de preconceitos e estereótipos que dificultam a contratação de pessoas trans, especialmente em posições que exigem contato direto com o público ou em empresas mais tradicionais. Essa exclusão reforça o ciclo de vulnerabilidade, e o trabalho sexual se torna a única opção para muitas dessas imigrantes. Segundo estudos sobre a integração de mulheres migrantes, a exclusão social é intensificada por fatores como as condições legais restritivas e o preconceito de classe, gênero e origem racial, além da necessidade de aprender o idioma local para obter melhores condições de emprego (Spinelli; Vigianni, 2022).

Para viver o *glamour* das ruas italianas, M. também teve que enfrentar a precariedade da noite nas pistas. Essa vida que brota das esquinas a entusiasmava, mas, certa noite um cliente decidiu não pagar pelo trabalho sexual.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo *Anjos de Cara Suja*

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Possuída pela raiva e pelo desejo de justiça, M. revidou. Ela sacou seu salto *Louboutin* como uma espada e desferiu um golpe na cabeça do trapaceiro. Quem sabe assim ele colocaria as ideias no lugar. Ela só queria o que era dela por direito.

No entanto, o cliente vai ao chão. Ele não acorda. A polícia chega e a história segue tal qual nos roteiros brasileiros.

Ficou presa por um ano.

M. ligava todos os sábados para sua mãe durante o tempo em que esteve presa. Do outro lado da linha, ela inventava lugares lindos que visitava na imaginação acompanhada de seu ex-marido: o castelo de Romeu e Julieta em que colocara as próteses; o restaurante que servia a melhor *pasta à bolognesa*, os passeios na praça com a sua cachorrinha chihuahua.

"Minha mãe já teve o desgosto de ter uma filha assim (travesti), eu jamais poderia dar a ela mais um desgosto de ter uma filha presa também", conta M. ressentida.

Foram 12 meses com ligações semanais onde ela criava suas primeiras dramaturgias de cuidado, mesmo em um local de extremo horror, para poupar sua amada mãe do sofrimento.

Chamar aquelas ligações de mentira seria assumir que a realidade se resumia aos poucos metros quadrados que limitavam seu acesso dentro da prisão, tendo comprimidos de calmante como único lugar de refúgio para não enlouquecer enquanto o tempo de sua pena passava. Havia um tanto de coragem e muito de poder em se negar a aceitar aquilo como verdade única e absoluta. E por isso sua dramaturgia era tão urgente, verdadeira e sincera. Com sua imaginação, ela se transportava para longe daquele lugar e ia até sua terra natal para proteger sua mãe.

M. era completamente apaixonada por moda e beleza. Ela lembra que, durante sua temporada na Itália, viveu por alguns meses em Milão, "a capital da moda", como ela insistia em lembrar.

Vittoria Ceretti, Mariacarla Boscono, Monica Belluci e Bianca Balti eram algumas das figuras nas quais ela se inspirava quando se via realizando seu sonho de trafegar pelas passarelas, trajando os designs dos maiores estilistas do momento.

Saudosa, M. falava dos dias em que passava caminhando pelas charmosas ruas de Milão, absorvendo a energia dos grandes centros de moda e as vitrines luxuosas. Ela posava em frente às vitrines e se imaginava dentro daqueles modelitos.



Machadão em chamãs e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Gucci, Prada, Versace, Dolce & Gabbana, Valentino. Todas aquelas grifes pareciam feitas sob medida para o corpo que ela havia esculpido com tanto cuidado nas mesas de cirurgia italianas. Mas esse sonho já lhe parecia algo muito distante da sua realidade depois de sua passagem pelo sistema prisional e sua consequente deportação para o Brasil.

“Itália nunca mais. Passarelas nunca mais”. Esses dizeres estavam permanentemente carimbados no seu passaporte.

M. compartilhou esses relatos com os demais integrantes da CiA dXs TeRrOrIsTaS durante os encontros formativos que aconteceram na Casa da F.U.R.I.A. para a criação e montagem do novo espetáculo do coletivo.

Mais uma vez, Magô Tonhon retornou ao time de formadores do projeto para pensar qual seria o papel da caracterização, mais especificamente da maquiagem, nesse processo de criação.

Figura 2: Oficina de Caracterização com Magô Tonhon – Studio Catharine Hill (2022)



Fonte: Registro de Diego Nascimento

No entanto, o processo começou de forma inversa ao vivido no projeto TRANSgressoras: Magô estava interessada em aprender com cada uma das mulheres trans e travestis daquele espaço como elas mantinham seus cuidados com a imagem e com suas mulheridades em espaços como as prisões masculinas em que estiveram. Essa provocação partia do princípio de



que comunidades marginalizadas, ao longo da história, têm construído tecnologias de sobrevivência e permanência em espaços de extrema precariedade e tortura (como a prisão), dando verdadeiras lições sobre o manejo engajado da estética e da mobilização social popular. A pesquisadora Dinal Alves nomeia essa elaboração comunitária de saberes como corpografias subterrâneas de existência:

[O conceito de] corpografia se relaciona com a interação política e transitória do corpo na cidade e seus impactos nas experiências urbanas [...] como um veículo de inscrição cartográfica corporal em que a experiência da violência estatal-estrutural geolocaliza o corpo como depositário do terror, ao mesmo tempo em que produz nas suas experiências um tipo de empoderamento, resistência e agenciamento na recusa à vitimização, visando não apenas a denúncia do terrorismo do Estado, e sim, fundamentalmente a produção de corpografias subterrâneas de resistências (Alves, 2020, p. 13).

Essas corpografias também são matérias-primas das criações estético políticas da CiA dXs TeRrOrIsTaS que se utilizam da metodologia de ficções visionárias, criada pela artista e abolicionista⁵ Walidah Imarisha (2016), para materializar ensaios coletivos de revoluções comunitárias. O método consiste em colocar identidades marginalizadas no centro da elaboração de narrativas ficcionais que busquem imaginar novas formas de se organizar a sociedade, de forma a mitigar as injustiças presentes no mundo tal o qual o experimentamos.

Para além da elaboração narrativa e dramática, as TeRrOrIsTaS têm transposto esse método em seus trabalhos para pensar outras metodologias possíveis de criação, encenação e estética, valorizando os saberes ancestrais (colonialmente silenciados ou apagados) preservados por essas comunidades a partir da cultura oral.

“Vamos precisar de um machadão, um bandeco, um isqueiro e um palito ou cotonete”, foi o que M. e as demais participantes solicitam ao coletivo para realizar sua demonstração.

O machadão era como elas chamavam as lâminas de barbear amarelas, das mais baratas, que se compra em qualquer loja de conveniência. Bandeco eram os marmitex descartáveis de alumínio no qual eram servidas as refeições nas unidades prisionais.

Para aquele encontro, o coletivo providenciou um kit desses para cada uma das pessoas

⁵ O abolicionismo, sob a ótica de sua vertente crítica ao racismo estrutural, argumenta que o sistema prisional é uma continuidade do projeto escravocrata, mantendo a marginalização e o controle sobre populações historicamente oprimidas, especialmente pessoas negras. Essa perspectiva destaca como a criminalização e o encarceramento em massa reproduzem desigualdades raciais e sociais, funcionando como um mecanismo moderno de exclusão e exploração, em linha com as estruturas do passado escravocrata. Defensores dessa visão, como a CiA dXs TeRrOrIsTaS, propõem alternativas de justiça restaurativa, reparação histórica e políticas que enfrentem as raízes profundas da violência e desigualdade.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

presentes. M. começou queimando o cabo da lâmina de barbear com o isqueiro. O plástico derretido foi produzindo uma fumaça escura que ela coletava virando o marmiteix de alumínio de cabeça para baixo sobre a gilete em chamas. Depois, ela pegou um palito de churrasco e utilizou aquela fuligem para fazer um sombreamento nas pálpebras e um delineado no contorno dos olhos de uma das TeRrOrIstAs que servia como modelo.

Figura 3: Demonstração de práticas de maquiagem e cuidado na prisão – Casa da F.U.R.I.A. (2022)



Fonte: Registro de Diego Nascimento

Era impressionante o quão rebuscado era aquele procedimento para produzir pigmentos para contornar os olhos. E o quanto aquela técnica materializava, de muitas maneiras, as memórias ancestrais de resistência e permanência de pessoas trans nos recantos mais abomináveis da história da humanidade.

Naquela demonstração, as mulheres sobreviventes do cárcere participantes do processo reforçaram a ideia provocada por Walidah Imarisha (2021) de que, assim como a flor de lótus pode brotar dos lugares mais imundos, poesia, beleza e resistência podem florescer nos espaços mais perversos como resposta aos sistemas de opressão que nos afligem.

Em sua demonstração, M. e suas companheiras explicaram que essa técnica é ensinada pelas travestis mais velhas às mais novas assim que elas chegam nas unidades prisionais. Essas alternativas criativas para lidar com a extrema precariedade são transmitidas pela oralidade, de geração para geração, como uma herança de luta.



Isso porque, ao serem presas, muitas dessas mulheres se percebem em situações de extremo abuso transodiante ao terem seus nomes sociais ignorados, seus cabelos raspados e suas roupas trocadas por vestes masculinas e largas (muitas vezes cheias de percevejos). Apesar de inúmeras diferenças entre as prisões – por sua modalidade, seu território, o órgão administrativo responsável – é possível afirmar que existe uma certa experiência comum do transódio para todas as travestis encarceradas no Brasil (Ferreira, 2021). Por terem saído de suas casas ainda muito novas para tentar a vida nas pistas de prostituição, como única alternativa de garantir sua sobrevivência depois do abandono parental, essas mulheres possuem pouco ou nenhum apoio quando estão presas, o que as coloca em ainda maior vulnerabilidade. Muitas delas precisam retornar aos trabalhos com a prostituição dentro da penitenciária, mas dessa vez oferecendo serviços sexuais em troca de produtos básicos de higiene como pasta de dente, sabonete ou o machadão para poder se maquiar e insistir em preservar suas mulheridades ameaçadas.

No campo teórico, o ensaísta Peter Pál Pelbart (2021a) analisa o impacto das condições de precariedade na subjetividade dos artistas, tratando da construção de uma “política da precariedade”. Sua obra examina como a falta de infraestrutura não apenas limita, mas também provoca formas únicas de expressão artística que dialogam com as necessidades e angústias contemporâneas.

O autor entende a precariedade como uma condição de existência que, embora marcada por limitações materiais e sociais, pode se tornar uma fonte de potência e resistência. Dessa forma, ele investiga como as formas de vida precarizadas se afirmam e resistem às exigências capitalistas, oferecendo alternativas à lógica de mercado e produtividade que permeiam a sociedade atual (Pelbart, 1993).

Por essa perspectiva, a precariedade não se resume à escassez de recursos, mas caracteriza-se como um “lugar de potência”. A “vida precária” carrega uma força transformadora, uma capacidade de ruptura com as estruturas dominantes, gerando novas formas de subjetividade e criação. Segundo Pelbart, em uma sociedade voltada para a produção e o consumo, essa vida que emerge das margens desafia o sistema produtivista, revelando o que ele chama de “biopotência” (Pelbart, 2016). Em “O Averso do Niilismo”, Pelbart (2021b) sugere que o esgotamento e a precariedade, quando ressignificados, podem se



tornar potências criativas, capazes de desafiar a norma e a estrutura social imposta, possibilitando novas formas de expressão e resistência cultural, principalmente em contextos de vulnerabilidade e marginalidade.

Se a precariedade era uma constante nas narrativas que se apresentavam nas protagonistas do processo de criação e se seus movimentos de insurgência rebelde emergiam como respostas a essa mesma precarização, os rumos da direção de arte dessa ficção visionária não poderiam ser outros que não trazer a precariedade como potência para as imagens do espetáculo.

Desse modo, os processos de formação para caracterização das personagens, além de constituir um espaço de fortalecimento de vínculo e fortalecimento das mulheres trans e travestis sobreviventes do sistema prisional, também acabaram influenciando em toda a construção de imagem do espetáculo.

Esse processo de estética da precariedade foi aprofundado durante os encontros de formação com a artista da moda A Pimentel, fundadora da plataforma de criação VOU ASSIM.

A VOU ASSIM é uma plataforma criativa voltada para a promoção da empregabilidade, representatividade e demandas socioculturais de pessoas trans e corpos dissidentes no Brasil. Embasadas no conceito de “transmutação têxtil”, o projeto realiza diversas ações, incluindo desfiles de moda, capacitação em corte e costura sustentável, e eventos que destacam a criatividade e a estética da comunidade trans.

A transmutação têxtil é um conceito que se refere à prática de upcycling na moda, especialmente no contexto de iniciativas que buscam promover a inclusão e a sustentabilidade. O termo foi introduzido por Vicenta Perrotta, estilista e fundadora do projeto TransMoras e mentora d’A Pimentel, que organiza mulheres trans e travestis para a confecção de roupas. Este processo envolve a transformação de peças descartadas e doações em novas criações únicas, ressaltando a capacidade de dar um novo significado a itens têxteis que seriam considerados lixo (Belloto; Matoso, 2024).

A transmutação têxtil não só promove a sustentabilidade ao evitar o desperdício, mas também apropria essas costureiras ao permitir que elas participem de um modelo de produção que desafia a lógica do consumismo tradicional. As peças são desenvolvidas de maneira colaborativa, com cada costureira imprimindo sua marca pessoal na roupa, o que resulta em



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

produtos que não apenas têm valor estético, mas também carregam uma narrativa de resistência e identidade.

Figura 4: Oficina de transmutação têxtil com A Pimentel – Casa da F.U.R.I.A. (2022)



Fonte: Registro de Diego Nascimento

Durante as provocações, A Pimentel defendia a ideia de que pessoas trans e travestis são consideradas o lixo da humanidade e, como em toda a história do movimento trans no Brasil e no mundo, ressignificar esse termo era um ato político.

Entre aulas de estamparia, corte, costura, modelagem e customização – realizadas em parceria com outros artistas criadores da plataforma – foram surgindo diversos experimentos de indumentárias que buscavam expressar as questões poéticas e políticas que apareciam durante nossos ensaios de montagem da nossa ficção visionária.

Através das práticas compartilhadas por Pimentel e sua equipe, foram desenvolvidas peças únicas, carregadas de simbolismo e ancestralidade, muitas delas criadas a partir de roupas doadas ou de sobras da indústria, que ganharam novas formas e novos sentidos. Esse processo de transmutação do tecido e da indumentária não só trazia uma abordagem sustentável para a criação, mas também remetia a uma reconstrução identitária e coletiva,



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja
Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

permitindo que cada peça se tornasse uma expressão de luta, resistência e autoafirmação para as acendedoras de sóis.

Além disso, as trocas entre um coletivo de artistas da cena como a CiA dXs TeRrOrIsTaS com a VOU ASSIM possibilitaram uma ampliação de ambas as redes de apoio e a circulação de saberes, fortalecendo as iniciativas de geração de renda para nossa comunidade de pessoas trans e travestis. A proposta d'A Pimentel e da VOU ASSIM de integrar técnicas manuais, como a costura e a modelagem, a um contexto de criação artística também foi um passo importante para desmistificar a separação entre o trabalho técnico e o artístico.

Durante os encontros, foram produzidos materiais que serviram como inspiração para a criação dos figurinos do espetáculo “Anjos de Cara Suja: o Sol é, ou deveria ser para todas”.

Com o intuito de destacar a produção da caracterização no processo pedagógico e artístico, a CiA dXs TeRrOrIsTaS organizou as peças criadas para compor uma primeira coleção autoral que foi intitulada “APESAR DE...”.

Figura 5: Desfile APESAR DE... Matriarcas da AMPARAR – Casa de Criadores (2022)



Fonte: Registro de Casa de Criadores

Para compartilhar as criações da coleção com o público, o coletivo produziu um desfile-manifesto em parceria com as artistas da VOU ASSIM que ocupou a 51ª edição da Casa de



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Criadores, segunda maior vitrine de moda da cidade de São Paulo.

Ocupar uma passarela como um espaço performativo de manifestação política é uma ideia que emprestamos de nossa companheira Maria Galindo (2018) com sua ação de rua “Pasarela Feminista”.

Segundo Paul B. Preciado,

[...] Galindo criou uma prática artística radical: [...] ela coloca práticas e conhecimentos subalternos das mulheres indígenas em diálogo com as tradições políticas e literárias de anarquismo, feminismo punk e não-branco. Mas o que a arte pode fazer diante de um neocolonialismo autoritário no qual as lógicas do feminismo e da política de identidade indígena foram absorvidas no discurso humanista, religioso e neoliberal como novas estratégias de controle? Galindo responde deslocando a arte dos espaços do mercado e da galeria e trazendo-a de volta ao local onde nasceu: a praça pública, ritual social. As ações públicas de Mujeres Creando, como a Pasarela Feminista, realizada na cidade de Santa Cruz, Bolívia, em 2014, procuraram confrontar o corpo feminino idealizado branco e heterossexual, uma imagem perpetuada pela grande mídia, por 13 horas de 'rebelião' de mulheres nas ruas da cidade, fazendo discursos enquanto andavam em uma passarela improvisada com roupas que elas mesmas confeccionaram que representavam seus próprios corpos e experiências como mulheres indígenas (Preciado, 2019, s.n. tradução nossa).

Figura 6: Desfile APESAR DE... – Casa de Criadores (2022)



Fonte: Registro de Casa de Criadores



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja
Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

O desfile-performance (CDC, 2022) reuniu na passarela as protagonistas do projeto da Cia dXs TeRrOrIsTaS, as modelos trans e travestis da VOU ASSIM, as lideranças travestis que ocuparam a câmara dos vereadores da cidade de São Paulo Carolina Lara (Bancada Feminista) e Samara Sósthene (Quilombo Periférico), e as fundadoras da AMPARAR (Associação de Amigos e Familiares da Pessoa Presa), Miriam Duarte e Railda Alves. Essas duas últimas, representando as matriarcas do movimento antiprisional no Brasil, performaram um dos pontos altos do desfile carregando uma faixa com os dizeres “TODA PRISÃO É UMA PRISÃO POLÍTICA”.

O desfile foi um momento importante para o processo de criação do espetáculo, pois garantiu um destaque para as criações de caracterização da peça no âmbito performativo. Além disso, o evento também foi importante para consolidar a potência criativa das mulheres trans e travestis do projeto.

O desfile foi um momento fundamental. No dia, as pálpebras de M. pareciam ter esquecido o movimento de fechar. Ela olhava encantada para todas aquelas modelos profissionais fazendo filas para serem produzidas pelos maquiadores e hair-stylists. Ela reviveu seus tempos de Milão, os desfiles daquelas que foram por toda a sua vida referências daquilo que ela sempre sonhou em ser. E agora era real. M. viu seu Sol acender quando pisou naquela passarela. Um desfile que retratava a sua vida e a de tantas outras de sua comunidade que protestavam pelo direito de continuarem sendo humanas, mesmo depois de terem cometido dor. Seus corpos caracterizados como os sonhos que cada uma carregava dentro do peito.

Do ponto de vista abolicionista, levar o debate do fim das prisões para espaços de poder como os espaços institucionais da moda era outra tentativa de experimentar a elaboração dessas ficções visionárias criadas em comunidade.

O processo de pesquisa e criação das indumentárias e caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja acabou por se tornar uma ficção autônoma e um manifesto pela liberdade de todas mulheres trans e travestis que ainda estão cativas dentro dos muros da prisão.

Entre tecidos, remendos, botões e aviamentos, as TeRrOrIsTaS sonharam e se organizaram para materializar potenciais. Entre agulhas e linhas, machadões e cotonetes, desenharam memórias, afetos e possibilidades. Cada ponto marcava uma reconexão com aquilo que lhes foi roubado: o direito de criar, de sonhar, de existir com dignidade.



Um pouco sobre Anjos de Cara Suja...

Infelizmente, nem C., nem M. puderam ver o espetáculo Anjos de Cara Suja ganhar vida e contornos nos palcos da Sala Olido, no centro de São Paulo, no dia 31 de março de 2023. C. foi vítima da ausência de políticas públicas de um desgoverno genocida que não lhe garantiu a vacina de COVID-19 a tempo. Ela encantou...

E, para a sua despedida, o poeta e colaborador da Cia dXs TeRrOrIsTaS Victor Serra declamou o seguinte poema:

Quando a gente se encontrou
A vida já tinha tirado tanto de você

Tirou os cremes, perfumes, sutiãs
Tirou as roupas, o teto e o pão
Tirou tanto que parecia querer tirar a vontade de viver

Bateram, prenderam, queimaram
E quando achavam que tinham tirado tudo
Você mostrava que não

Como fênix, que renasce das cinzas
Como poesia, beleza que se cria na dor
Como flor, vida que brota do chão

Você chegou em nossa casa com tanto e tão pouco
Viva, apesar de tudo que o mundo tirou
Naquela amarela cozinha, você passou café e estourou pipoca
Contou as tantas histórias da sua história
Contou do abandono, do reencontro e da alegria

E no meio da pandemia
Com mais morte, medo e solidão
Você arrumou um barraco
Uma amiga vizinha
E um fogão

Conseguindo a sonhada autonomia
Ficou fora da lista da vacina
E apesar de querer continuar vivendo
O mundo te tirou a vida

Mas você segue viva em memória
Porque lembramos sua risada, sua franqueza e sua dor
Nessa nossa luta constante
para que ninguém mais seja abandonada, presa ou queimada viva

Enterrada e lembrada como viveu:
não é João, é C.⁶

⁶ Poema "Para um mundo que não te mereceu", de Victor Serra, escrito em meados de 2021. Não publicado. Concedido pelo acervo pessoal da Cia dXs TeRrOrIsTaS.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

M. também não viu Anjos de Cara Suja nascer. As carências e ausências todas e tantas a fizeram desistir do processo uma semana antes da estreia por conta de um término violento que teve com seu parceiro. Embora para muitos de nós isso possa ser algo pequeno que resultou em uma atitude adolescente, para pessoas que foram historicamente apartadas de toda e qualquer forma de afeto, um término pode ganhar dimensões avassaladoras. E ela resolveu partir para lidar com suas dores sozinha. Precisava disso e seu desejo foi respeitado.

Mas as memórias dessas mulheres se deram de forma materializada no espetáculo, a partir das imagens de caracterização. Além do delineado e do sombreamento resgatados dos saberes ancestrais daquelas que sobreviveram às violências cisheterossexistas do sistema penitenciário, os figurinos do espetáculo também carregavam a força e a resiliência daquelas que insistiram em proteger sua feminilidade negada.

Se, na prisão, elas recortavam e amarravam as calças bege e camisetas brancas largas que lhes conferiam para fazer tops, calcinhas, shorts e até turbantes, o olhar de Rafael Bicudo, figurinista e cenógrafo do espetáculo, transformou essas peças em roupas confortáveis, elegantes e que esbanjavam a sensualidade que cada uma das atrizes em cena, as mesmas sobreviventes do cárcere que participaram do processo de oficina, queriam tanto desfilarem sobre o palco.

Os uniformes da prisão foram descosturados e remodelados para dar forma a figurinos que tiravam as atrizes da peça do lugar de vítimas para torná-las poderosas agentes de transformação em cena. Profetas de amanhã melhores.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Figura 7: Figurinos de Anjos de Cara Suja – Apresentação na Sala Olido (2023)



Fonte: Registro de Dan Agostini

Figura 8: Apresentação de Anjos de Cara Suja – Casa da F.U.R.I.A. (2023)



Fonte: Registro de Xica Lima



Machadão em chamas e pintura de guerra: notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Figura 9: Figurino de Anjos de Cara Suja – Sala Olido (2023)



Fonte: Registro de Dan Agostini

Figura 10: Apresentação de Anjos de Cara Suja – Casa da F.U.R.I.A. (2023)



Fonte: Registro de Xica Lima



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo Anjos de Cara Suja

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

Figura 11: Encerramento da peça Anjos de Cara Suja – Sala Olido (2023)



Fonte: Registro de Dan Agostini

A trajetória da caracterização e da composição cênica no espetáculo Anjos de Cara Suja reflete mais do que uma preocupação estética; revela um processo de reconstrução identitária e política. O trabalho com maquiagem e figurino, fundamentado nas vivências de mulheres trans e travestis sobreviventes do sistema prisional, demonstrou como processos criativos em artes cênicas podem ser territórios de resistência e ressignificação.

Ao longo desse percurso, vimos como a estética se entrelaça com a sobrevivência, sendo não apenas um meio de expressão, mas também um escudo contra a violência e o apagamento.

A oficina de maquiagem conduzida por Magô Tonhon e os processos de criação coletiva demonstraram que a estética trans vai além do desejo de se enquadrar em padrões de beleza normativos. Pelo contrário, trata-se de um ato político, uma resposta à violência institucionalizada e à negação sistemática da humanidade dessas pessoas. Ao ensinarem e resgatarem técnicas de visagismo desenvolvidas dentro das prisões, as sobreviventes do sistema penitenciário reafirmaram a potência de suas trajetórias e a complexidade das suas narrativas.



O mesmo se aplica ao trabalho de figurino conduzido em parceria com A Pimentel e a plataforma VOU ASSIM. A transmutação têxtil, ao ressignificar tecidos descartados e peças marcadas pela precariedade, tornou-se um símbolo do próprio processo de reinvenção da identidade. Assim como as roupas foram descosturadas e refeitas, também as vidas dessas mulheres precisaram ser reconstruídas, muitas vezes a partir dos escombros deixados pelo abandono social e pela violência institucional.

O espetáculo não apenas trouxe para o palco essas narrativas, mas também reafirmou a importância de ocupar espaços historicamente negados às pessoas trans. Da mesma forma que C. e M. imprimiram suas histórias nas oficinas e nos processos criativos, cada detalhe da caracterização carregou os traços da luta, da dor e da beleza dessas existências.

A caracterização cênica, portanto, não se limitou ao aspecto visual do espetáculo, mas funcionou como uma corpografia subterrânea de resistência possível (Alves, 2020). Esse exemplo nos mostra que, através da caracterização, é possível reafirmar que o direito à beleza, à expressão e à dignidade não pode ser um privilégio de poucos. O brilho no rosto de cada uma das participantes, seja no palco, nas passarelas da vida ou nas memórias daquelas que permaneceram com o peso de seu legado, segue como um testemunho incontestável de que, mesmo diante da precariedade e da violência, a luz dessas histórias jamais será extinta. Esse exemplo também nos mostra que a construção do abolicionismo, a organização política contra as violências de Estado e as desigualdades sociais, deve conectar diferentes espaços e saberes. Construir comunidades.

Como diz Leonard Cohen:

“Há uma rachadura em tudo. É por ali que a luz entra”.

Referências

ALVES, Dina. **Corpografias raciais**: uma etnografia das captividades femininas negras em São Paulo. 2020. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23602>>.



BELLOTO, Gabriela; MATOSO, Maria Eduarda. Transmutação têxtil questiona o papel da moda no mundo. **Redação Digitais**, 2024. Disponível em: <<https://digitais.net.br/2024/06/transmutacao-textil-questiona-o-papel-da-moda-no-mundo/>>. Acesso em 04 nov. 2024.

BENEVIDES, Bruna G. **DOSSIÊ Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025. Disponível em <<https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>>.

CARRARA, S; VIANNA, A. R. B. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2006. p. 233-249.

CDC. CASA DE CRIADORES. Vou Assim + Casa da F.U.R.I.A. YouTube, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=liQ1IDn3ybs>> Acesso em 05 nov. 2024.

FERREIRA, Guilherme Gomes. **Vidas lixadas: crime e castigo nas narrativas de travestis e transexuais brasileiras**. Salvador: Devires, 2021.

GALINDO, Maria. **La Pasarela feminista** - version con subtítulos en ingles. YouTube, 2018. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=dtWUs_7dH5o&t=1s>. Acesso em 04 nov. 2024.

IMARISHA, Walidah. 2º FPCR - **O USO DA FICÇÃO CIENTÍFICA COMO EXERCÍCIO PARA O IMAGINÁRIO POLÍTICO**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QYpbKo5-u08&t=2950s>> Acesso em 29 out. 2024

MOMBAÇA, Jota. **As Facas de uma Travessia** - Entrevista com Jota Mombaça. [Parte 4] Língua Bifurcada. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j_EwTemsK8Q>. Acesso em 11 nov. 2024

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo-Rei**. São Paulo: Imago, 1993.

PELBART, Peter Pál. **O Aveso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1, 2021.

PELBART, Peter Pál. **Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2021^a.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2016.



Machadão em chamas e pintura de guerra:

notas sobre violência, estética e política na caracterização do espetáculo *Anjos de Cara Suja*

Murilo Moraes Gaulês, Victor Siqueira Serra, Magô Tonhon

PRECIADO, Paul B. **Future Greats: María Galindo**. ArtReview, 2019. Disponível em: <<https://artreview.com/jan-feb-2019-future-greats-maria-galindo/>>. Acesso em 04 nov. 2024.

RANGEL, Ester B. A.; RANDAZZO, Maria de L. V.; FREITAS, Thaynara M. A utilização da maquiagem para o empoderamento feminino. **Revista Estética em Movimento**, v. 2, n. 1, p. 129-144, 2023. Disponível em: <<https://revista.fumec.br/index.php/esteticaemmovimento/article/view/9413/4795>>.

SORREQUIA, Uma Reis. *Autonomia versus Transódio*. São Paulo: Revista Elástica, 2021. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/especiais/autonomia-versus-transodio-orgulho-lgbtqi>>. Acesso em 08 jun. 2025.

SPINELLI, A.; VIGGIANI, E. Togni G. **Trans, intersex and non-binary people at work in Italy**: A national report. European Union's Rights, Equality and Citizenship Programme, 2022. Disponível em: <https://inclusion4all.eu/wp-content/uploads/2022/09/Inclusion4All-National-report-Italy_EN.pdf>. Acesso em 02 nov.2024.

TAMBORINI, Sergio A. S. R.; NEVES, André L. M. das. Construção estética das pessoas trans em Manaus/AM: Uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 5, n. 18, p. 237–251, 2023. DOI: 10.31560/2595-3206.2022.18.14658. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/14658>>.

TOMASELLI, Alexandra. **An interseccional analisys of migrant women and the local South Tyrolean labour market in Italy**. LSE, 2023. Disponível em: <<https://blogs.lse.ac.uk/gender/2023/12/19/an-intersectional-lens-focused-on-migrant-women-and-the-local-south-tyrolean-labour-market-in-italy/>>. Acesso em 02 nov. 2024.

Recebido em: 30/03/2025

Aprovado em: 20/06/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br